

# CONCEÇÕES HISTÓRICO-GEOGRÁFICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS<sup>15</sup>

**Maria João Barroso Hortas**

[mjhortas@eselx.ipl.pt](mailto:mjhortas@eselx.ipl.pt)

**Alfredo Gomes Dias**

[adias@eselx.ipl.pt](mailto:adias@eselx.ipl.pt)

Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação, Portugal

---

15 Artigo realizado no âmbito do projeto “*TempuSpacium* – Didática das Ciências Sociais” Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais – referencia ESELx/PL-CIED/2016/A01.



## 1. Introdução

Neste artigo propomo-nos refletir a partir das práticas desenvolvidas na formação inicial de professores, no âmbito da didática das ciências sociais, história e geografia, sobre as representações dos estudantes acerca dos conceitos de história e de geografia e das finalidades do ensino da história e da geografia no início do 2.º ciclo de formação (mestrado), na Escola Superior de Educação de Lisboa.

Os objetivos que orientam esta análise crítica centram-se em: (i) reconhecer as conceções de história e geografia dos estudantes; (ii) identificar as finalidades que os estudantes referem como prioritárias no ensino da história e da geografia; (iii) analisar a perspetiva interdisciplinar dos estudantes para um ensino integrado da história e da geografia. A resposta a estes objetivos permite avançar para uma consciencialização e reflexão sobre as práticas formativas desenvolvidas no âmbito da formação inicial de professores em didática das ciências sociais, história e geografia numa perspetiva crítica.

O artigo estrutura-se em três partes. Numa primeira parte, é feita uma revisão da literatura, mobilizando alguns autores de referência que nos ajudam a identificar os conceitos centrais do conhecimento histórico e geográfico. Num segundo ponto, é apresentada a metodologia de recolha, tratamento e análise da informação empírica. O terceiro ponto é dedicado à apresentação da informação recolhida, análise e reflexão crítica sobre os resultados obtidos, procurando identificar eventuais distâncias entre as representações dos estudantes sobre o ensino e aprendizagem da história e da geografia, numa perspetiva interdisciplinar, e as práticas formativas em curso na formação inicial de professores (6-12 anos).

## 2. História e Geografia: interação, dinamismo e interdisciplinaridade

Para responder às questões “como se define história?” e “como se define geografia?”, mobilizamos os autores que ao longo do tempo se associam à epistemologia destas duas ciências. Entre estes, elegemos os nomes de Vidal de la Blache, Orlando Ribeiro, Milton Santos e Fernand Braudel.

Iniciamos este percurso assumindo que a construção do conhecimento histórico e do conhecimento geográfico se alicerça em três pilares: “espaço-tempo-homem” (Dias, Ferreira & Hortas, 2016). Pensar nas finalidades do ensino da história e da geografia significa, então, reconhecer de que modo, a educação histórica e geográfica é capaz de colocar em diálogo/interação estes três conceitos, convocando-os numa abordagem dinâmica/interdisciplinar entre a geografia e a história, no sentido do desenvolvimento de competências espaço-temporais.

O princípio em que acabamos de nos posicionar encontra sustentação teórica na epistemologia da história e da geografia que, ao esclarecer sobre as conceções, os objetos de estudo, os métodos e técnicas destas duas ciências, nos clarifica as finalidades do seu ensino. É nestas finalidades que se sustenta a opção por uma abordagem integrada no ensino da história e da geografia, logo desde a formação inicial de professores.



A geografia autonomiza-se como ciência em finais do século XIX e redefine o seu campo de atuação em paralelo com a história, um percurso que aprofunda uma interação entre as duas áreas do saber (Sierra, 2011). A nova escola francesa de geografia, fundada por Vidal de La Blache (1845-1918), oferece-nos uma nova geografia histórica, entendida “como uma história da ocupação do solo e uma interpretação da paisagem humanizada” (Dias & Hortas, 2015, p. 191). Nesta linha do pensamento geográfico, surgem nomes que se assumem simultaneamente como geógrafos e historiadores, abrindo a janela para o entendimento das especificidades e complementaridades entre as duas ciências.

A historiografia contemporânea alicerça-se em quatro domínios fundamentais: a relevância dos documentos, a centralidade do historiador, a explicação pela narrativa e a geografia no cruzamento da história (Dias, 2016). Delacroix, Dosse e Garcia (2007) colocam a geografia como a ciência que descreve a fusão do local no nacional, permitindo um quadro explicativo para a matriz centralizadora que, de algum modo, garante a sua identidade (Hortas & Dias, 2017). Assim, à geografia associa-se o território onde interagem os diferentes elementos constitutivos da nação e se constrói a sua identidade. Braudel elege o espaço como o sujeito central da história, valorizando uma abordagem alicerçada num pensamento histórico-geográfico que concilia uma nova perspetiva de tempo histórico e de espaço geográfico (Dias, 2016).

Sustentados neste paradigma, os conceitos centrais da história e da geografia, espaço e tempo, não podem pensar-se de forma separada. O conceito de espaço-tempo, deve assim encontrar uma resposta integrada às duas questões essenciais, uma da geografia, “porquê ali?”, e outra da História, “porquê nesse momento?” (Sierra, 2011).

Este foco espaço-tempo dá início a uma nova fase no diálogo entre a história e a geografia depois de 2000 (Sierra, 2011), num momento em que se intensificam os efeitos políticos, económicos, sociais e culturais do processo de globalização. As investigações históricas focam-se em objetos territorialmente localizados, sublinhando a sua historicidade: o espaço, os cortes territoriais, as fronteiras, as redes de cidades e de transportes, a paisagem e o ambiente (Dias, 2016).

Em Portugal, a complementaridade científica entre a história e a geografia é reforçada por Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011). Para este historiador, a história, hoje, é uma história geográfica, na medida em que tenta encontrar no passado as respostas para os problemas com que a geografia humana se debate no presente, centrados, genericamente, nas relações entre o meio físico-biológico e as sociedades humanas (Hortas e Dias, 2017). Magalhães Godinho relaciona o espaço geográfico com os diferentes ritmos temporais, mobilizando nesta construção os conceitos-chave de capitalismo, civilização e global/total (Fonseca, 2014).

Nesta construção, surge reforçado o impacto fundamental da vida social humana sobre a Terra (Wallerstein, 2004, p. 6), contestando-se as simplificações da “velha história” e da “velha geografia”.

Orlando Ribeiro, na abordagem que constrói à interinfluência entre a história e a geografia, valoriza o lugar da história na construção do conhecimento geográfico. Nas suas palavras, a histó-



ria recorre à geografia para compreender as civilizações, ou a geografia humana “recebe subsídios imprescindíveis de algumas ciências do homem” (Ribeiro, 2012, pp. 77-78). Acrescenta, ainda, que

a chave dos múltiplos aspetos com que o homem foi afeiçoando as regiões que de longa data habita está, não poucas vezes, nos tempos que nos precederam na história. (...) Os textos e os objetos materiais ajudam a reconstituir a evolução que nos permite compreender o estado atual, que não é mais que um momento dessa evolução (Ribeiro, 2012, p. 78).

Assim, para o trabalho do geógrafo é fundamental o recurso à história, ou melhor, o geógrafo deve possuir uma cultura histórica (Ribeiro, 2012).

Milton Santos, geógrafo brasileiro de referência, coloca o tempo como o conceito a partir do qual a geografia opera, a par dos conceitos de totalidade, técnica e sistemas de objetos e ações (Santos, 1996). Na abordagem ao espaço como uma totalidade, o autor define quatro categorias de análise – forma, função, estrutura e processo – que, colocadas em relação, permitem compreender a construção do espaço ao longo do tempo (Santos, 1992). Na sua perspetiva, um determinado lugar é o resultado de ações, processos e tempos, devendo ser analisado na sua totalidade. Assim, o espaço é composto por um conjunto de sistemas de objetos naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberados ou não, que interagem e se constituem como “um quadro único no qual a história se dá” (Santos, 1996, p. 51). A cada época novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (Santos, 2008, p. 46). “O homem é o principal ator da transformação e construção socioespacial, mobilizando o passado para atuar no presente e projetar o futuro.” (Dias, Ferreira & Hortas, 2016, p. 1204).

Enquanto ciência social, a geografia faz apelo a noções e conceitos que se apresentam sempre em interação no sentido de encontrar caminhos de análise para as situações que emergem da realidade social (Bailly & Ferras, 2006). Na análise desta realidade, uma das três etapas essenciais remete para a inter-relação dos elementos em presença num determinado território, associada a um tempo histórico definido (Harvey, 1983).

Em síntese, traçado o quadro concetual que identifica as complementaridades entre a história e a geografia, justificamos a abordagem interdisciplinar que privilegiamos na formação de futuros professores histórica e geograficamente competentes, ou seja, implicados no desenvolvimento de capacidades para compreender o mundo e atuar sobre ele de um modo mais consciente, criativo e crítico, capazes de procurar respostas que se colocam às questões do presente, numa perspetiva temporal.

Para esta abordagem interdisciplinar, identificamos o conjunto de procedimentos comuns à construção histórico-geográfica e que privilegiamos na formação dos futuros professores: (a) problematizar, revelando a capacidade de formular uma questão de partida, evidenciando a sua atualidade e fundamentando a sua pertinência científica; (b) conceptualizar, construindo uma estrutura conceptual a partir da qual se permite delinear as linhas de análise do seu estudo; (c) recolher e tratar a informação, em documentos escritos ou na paisagem, num mapa histórico ou



numa imagem, sistematizando, organizando os dados em que assenta a sua investigação empírica; (d) analisar criticamente, partindo do quadro conceptual definido; (e) comunicar, sintetizando os resultados alcançados e divulgando as conclusões possíveis, reconhecendo-as como sendo, sempre, provisórias (Dias & Hortas, 2015; Hortas & Dias, 2017).

### 3. Linhas metodológicas

Definimos como objetivos deste estudo reconhecer, num primeiro momento, as concepções de história e geografia dos estudantes da ESELx, as finalidades que consideram prioritárias no ensino da história e da geografia, e a perspetiva interdisciplinar que enunciam para um ensino integrado da história e da geografia. Num segundo momento, sustentados nesta primeira análise, procuramos refletir criticamente sobre as práticas formativas desenvolvidas no âmbito da formação inicial de professores em didática das ciências sociais, história e geografia.

Para este efeito, realizou-se um inquérito por questionário na Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa (ESELx) aos estudantes do 1.º ano do Mestrado em Ensino Básico de Português e História e Geografia de Portugal (6-12 anos) (MEBPHGP). O questionário foi aplicado em setembro de 2017 a 12 alunos do 1.º ano, e a 28 alunos do 2.º ano.

O questionário tinha como objetivos: (a) apresentar as representações dos estudantes sobre o significado de história e o significado de geografia; (b) identificar as finalidades do ensino da história e da geografia; (c) identificar as complementaridades entre a história e a geografia.

Para os dois primeiros objetivos foram formuladas duas questões: (a) “define história” e “define geografia”; (b) “**é importante ensinar história porque...**” e “**é importante ensinar Geografia porque...**”; para o terceiro objetivo, foi formulada uma questão (c) “a história e a geografia apresentam algumas complementaridades. Identifica uma.”

Adotaram-se perguntas abertas por considerar-se que, tendo em conta os objetivos do questionário, permitem ao inquirido apresentar, de forma mais objetiva, as representações que tem sobre os conceitos.

Como método de análise, optou-se por uma análise de conteúdo com definição de categorias **à posteriori**. Identificaram-se as palavras utilizadas pelos estudantes nas respostas às questões, posteriormente as palavras foram organizadas em categorias (Tabela 1).



Tabela 1. Categorias de análise.

Questão	Categorias
Define História <b>É importante ensinar História porque...</b>	Ciência, tempo, facto/acontecimento, identidade/nação, compreensão histórica, global, mudança e social.
Define Geografia <b>É importante ensinar Geografia porque...</b>	Ciência, espaço/território, espaço multiescalar, espaço físico, espaço humano/social, dinâmicas espaciais.
A História e a Geografia apresentam algumas complementaridades. Identifica uma.	Estudo da sociedade, estudo dos fenómenos no espaço e tempo, recurso ao território/espaço.

#### 4. História e geografia, concepções, finalidades do ensino e complementaridades: as representações dos estudantes

As respostas às questões “define história” e “define geografia” diferenciam-se das outras pela inclusão da noção de ciência associada à definição do conceito através do recurso a duas palavras, “ciência” e “disciplina” (Fig. 1): “ciência que estuda os acontecimentos do passado” (quest.A04); “ciência que estuda o espaço físico e social das diversas áreas” (quest.A07); “disciplina que estuda e relata a identidade nacional, o tempo, as mudanças sucessivas, a evolução” (quest.A08); “disciplina que estuda o meio social e o meio físico, tendo por base o espaço” (quest.B27).

O tempo é a categoria mais presente entre as palavras utilizadas pelos estudantes para comunicar as suas representações em torno da definição sobre o que é a história. Entre as principais ideias expressas pelos estudantes na categoria tempo, 35% giram em torno das palavras “passado” e “antigo”, ao que se soma a expressão recorrente “de onde vimos”. O segundo conjunto de palavras centra-se numa concepção de história que privilegia o “presente”, o “hoje” e o “atual” (29,9%): “estuda os acontecimentos do passado, a influência no presente e no futuro” (quest.B02). A estas, segue-se a palavra “tempo” e a ideia “ao longo dos anos”, sublinhando a história enquanto disciplina que estuda os fenómenos na sua dimensão temporal (15,4%).

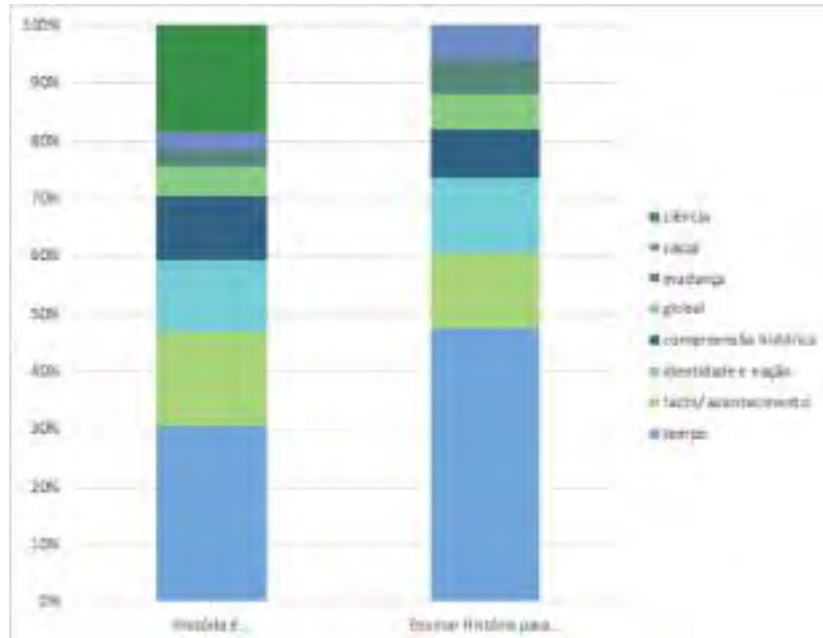
A segunda categoria de maior relevância remete para uma concepção de história que privilegia o estudo dos “factos” e dos “acontecimentos” do passado. Para além do uso destas duas palavras, os estudantes recorrem ainda a “fenómenos” e “momentos marcantes”. Com um peso semelhante aos “factos/acontecimentos”, encontramos a terceira categoria que remete para a questão da “identidade nacional”. As palavras como “nação”, “nacional” e “identidade”, juntam-se “conquistas” e “vitórias”, aludindo a uma história de pendor nacionalista: “relata a identidade nacional, o tempo, as mudanças sucessivas, a evolução” (quest.A08).

A compreensão histórica assume particular significado quando os estudantes se debruçam sobre o conceito de história, embora perdendo relevância na definição das finalidades do ensino da história. Isto é, embora reconheçam que esta área do saber se propõe promover competências ao nível da “compreensão” e da “explicação”, este domínio vê reduzido o seu protagonismo quando se pensa no ensino da História. No entanto, ficam-nos respostas que apontam a história com a fina-



lidade de “estudar o passado e perceber o que aí vem” (quest.B25), “estudar os acontecimentos do passado, a influência desses acontecimentos no presente e no futuro” (quest.B02).

Figura 1. As concepções de História e das finalidades do ensino da história nos estudantes.

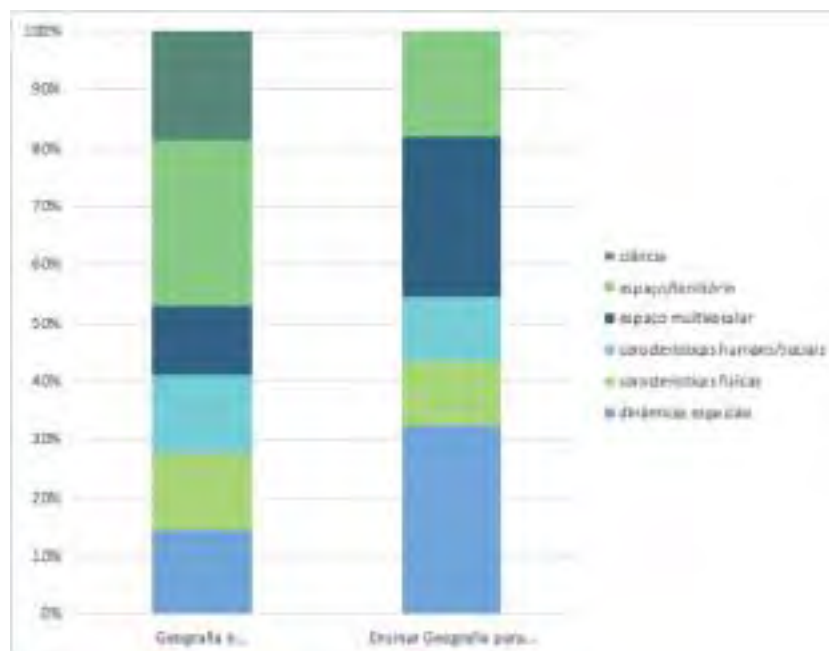


Uma última nota para o reduzido espaço reservado à categoria “mudança”, que é uma das noções fundamentais para o processo de construção do pensamento histórico. A esta categoria, para além da palavra “mudança”, associámos as palavras “evolução” e “desenvolvimento”, utilizadas pelos estudantes no sentido das alterações sociais provocadas pela passagem do tempo: “evolução da sociedade no tempo” (quest.A01).

Na definição de geografia (Fig. 2), os estudantes mobilizam frequentemente as palavras “espaço/território” (28%). A palavra “espaço” é a mais frequente entre as afirmações dos estudantes, surgindo em 58% das palavras utilizadas nesta categoria espaço/território: “estudar determinados fenómenos num dado espaço geográfico” (quest.B01). Nas suas afirmações recorrem às expressões “espaço social”, “espaço físico”, “espaço geográfico”.



Figura 2. As concepções de geografia e das finalidades do ensino da geografia dos estudantes.



O segundo conjunto de palavras centra-se numa concepção de geografia associada às *dinâmicas espaciais* (15%), “influência”, “relações”, “organização” das características de um território ou dos fenómenos geográficos: “análise das relações entre o ser humano e o meio” (quest.B08) ou “das relações entre os vários locais” (quest.B23). Para esta caracterização e compreensão do espaço/território, **são referidas as características físicas** (13%) e as *características humanas e sociais* (14%), sendo evidente uma concepção de geografia como a “análise das relações entre o ser humano e o meio” (quest.B08) ou como a ciência que “visa identificar e aprofundar as características físicas e sociais de um território” (quest.A05). A análise destes fenómenos geográficos e das suas dinâmicas surge ainda associada, em 12% das referências feitas, ao conceito de escala. Neste *espaço multiescalar*, o meio próximo destaca-se com 45% das referências: “estudo do meio em que habitamos” (quest.B08), “estudo do espaço que nos rodeia” (quest.B12), “estuda os locais” (quest.B15), “estuda o lugar” (quest.B20).

Nas representações dos estudantes sobre as finalidades do ensino da geografia surgem valorizados o “estudo”, a “análise”, a “compreensão” das *dinâmicas espaciais* (32%), não apenas numa perspetiva de “conhecer” mas, em alguns casos de poder “decidir”, “intervir” e “prevenir”: “precisamos de saber como interagir e como nos relacionarmos com o meio” (quest.B03); “saber... as possibilidades de intervenção e prever a sua evolução/alteração” (quest.A11). As *características físicas* e as *humanas/sociais* que integram a análise/compreensão das dinâmicas espaciais são analisadas numa perspetiva *multiescalar* (26%). A associação da geografia como ciência do *espaço/território*, dá agora lugar a uma geografia, disciplina, que deve ser ensinada numa perspetiva *multiescalar*: “conhecer o meio, quer seja a nossa rua, quer seja a nível global” (quest.A09); “compreender fenómenos do mundo envolvente, planeta, continentes, países” (quest.B07).

As complementaridades entre a história e a geografia identificadas pelos estudantes organizam-se em três grandes categorias: *estudo da sociedade*, *estudo dos fenômenos no espaço e tempo* e *recurso ao território/espaço*. O estudo da sociedade é pensado, pelos estudantes, pela identificação das características sociais: “encontram-se e complementam-se na construção de um retrato social” (quest.A09); pela compreensão das dinâmicas da sociedade que explicam a evolução e mudanças: “ambas estudam a mudança da sociedade” (quest.A04), “compreender e estudar a origem dos fenômenos e que impactos teve no passado, no presente e no futuro” (quest.B01); assim como pela explicação das causas naturais e sociais dos fenômenos que ocorrem numa sociedade: “ambas as áreas explicam a evolução da vida em sociedade, complementando entre si as razões naturais e sociais que provocam uma alteração (quest.A02). No *estudo dos fenômenos no espaço e tempo* “ambas utilizam escalas. A história uma escala temporal e a geografia uma escala espacial” (quest.B12), “determinado acontecimento histórico teve naturalmente que acontecer num determinado local geográfico” (quest.B13). A complementaridade entre a geografia e a história é ainda justificada pela centralidade do território/espaço, sendo este valorizado como ponto de partida para compreender a relação entre as duas ciências: “tanto a história como a geografia têm em conta o fator espaço” (quest.B14), “A geografia estuda o espaço onde a nossa história se desenlaça” (quest.B11), “A história precisa de um espaço para acontecer” (quest.B28).

## 5. Notas finais

Numa breve reflexão a partir das questões orientadoras deste estudo, podemos afirmar que os estudantes identificam a história e a geografia enquanto ciências e enquanto disciplinas de ensino. Nas suas concepções, o tempo é para a história a palavra chave que a define, assim como o espaço o é para a Geografia. Sobre as finalidades do ensino da história, surge valorizado o estudo do passado para a compreensão do presente e do futuro. Já o ensino da geografia é fundamental para a compreensão das dinâmicas espaciais que permitem conhecer, decidir e intervir numa perspetiva multiescalar.

A complementaridade entre a história e a geografia é identificada pelo estudo da sociedade, da sua evolução no tempo e no espaço, enfatizando o lugar do espaço/território como palco dos acontecimentos e mudanças que ocorrem no tempo. Os estudantes não revelam ter dificuldade em assumir e justificar a complementaridade entre as duas ciências e disciplinas, quer seja pelo objeto de estudo, o homem enquanto ser social, quer pela necessidade de compreensão dos espaços e tempos de construção e evolução deste “ser social”. Na justificação para a complementaridade entre as duas ciências, os estudantes aproximam-se frequentemente das concepções dos historiadores e geógrafos que mobilizamos como referência para este estudo (Magalhães Godinho, Orlando Ribeiro, Milton Santos, Bailly e Ferras, David Harvey).

As representações identificadas a partir das afirmações dos estudantes decorrem, em parte, das experiências vividas no âmbito das unidades curriculares de Didática da História e da Geografia, onde são desafiados a pensar uma abordagem integrada destas duas áreas do saber. Contudo,



na formação de natureza mais científica, nem sempre se concretiza esta articulação, pois mantém-se um ensino da história e da geografia e não um ensino histórico-geográfico. Reconhecemos que existe alguma distância entre as representações dos estudantes sobre o ensino e aprendizagem da história e da geografia, numa perspetiva interdisciplinar, e as propostas curriculares e práticas formativas em curso na formação inicial de professores (6-12 anos). Consideramos que a complementaridade entre a história e a geografia que nos é clarificada pelos estudantes deve ser objeto de reflexão crítica pelos docentes implicados na formação de futuros professores, incorporando as oportunidades identificadas numa abordagem que privilegie a integração destas duas áreas do saber, quer na formação de natureza científica, quer nas abordagens às metodologias de ensino da história e da geografia.

### Referências bibliográficas

- Bailly, A. & Ferras, R. (2006). *Éléments de pistémologie de la géographie*. Paris: Armand Colin.
- Dias, A. (2016). *Do saber histórico à educação histórica* (Estudo realizado para a obtenção do Título de Especialista na área da Formação de Educadores de Infância e de Professores do 1.º e 2.º Ciclo – Ciências Sociais, não publicado). Lisboa: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.
- Dias, A. & Hortas, M. J. (2015). Desenvolvendo competências investigativas em Estudo do Meio no 1.º CEB: abordagens a partir da didática da História e da Geografia. *Saber & Educar*, 20, 188-200.
- Dias, A.; Ferreira, N. & Hortas, M. J. (2016). O tempo e o espaço no ensino da história e da geografia na formação inicial de professores da Escola Superior de Educação de Lisboa. In C. A. Gomes, M. Figueiredo, H. Ramalho & J. Rocha (Coords.), *Atas do XIII Congresso da SPCE: fronteiras, diálogos e transições na educação* (pp. 1201-1209). Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu. Recuperado de <http://www.esev.ipv.pt/spce16/>
- Fonseca, A. (2014). Vitorino Magalhães Godinho. *E-journal of portuguese history*, II-2. Recuperado em 25 de março de 2016, de [https://www.brown.edu/Departments/Portuguese\\_Brazilian\\_Studies/ejph/html/is\\_sue24/html/v12n2a04.html](https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/is_sue24/html/v12n2a04.html).
- Harvey, D. (1983). *Teorías, leyes y modelos en geografía*. Madrid: Alianza.
- Hortas, M. J. & Dias, A. (2017). Educação histórico-geográfica: desenvolvimento de competências na formação inicial de professores na ESELx. In M. Pires, C. Mesquita, R. Lopes, G. Santos, M. Cardoso, J. Sousa, E. Silva & C. Teixeira (Eds.), *Livro de atas do 2.º Encontro internacional de formação na docência, INCTE 2017* (pp. 285-293). Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10198/4960>
- Ribeiro, O. (2012). *O ensino da Geografia*. Porto: Porto Editora.



Santos, M. (1992). *Espaço e método*. São Paulo: Nobel.

Santos, M. (1996). *A Natureza do Espaço A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.

Santos, M. (2008). *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico- informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Sierra, P. (Dir.). (2011). *La géographie: concepts, savoirs et enseignements*. Paris: Armand Colin.

Wallerstein, I. (2004). A descoberta da economia mundo. *Revista crítica das ciências sociais*, 69, 3-16.

